

## COVID-19 NAS MÍDIAS: EM QUEM CONFIAR? NARRATIVAS, ATORES E POLÊMICAS SOBRE A PANDEMIA

No momento em que este relatório está sendo escrito, os casos confirmados de COVID-19 chegam a quase 90 milhões em todos os continentes e registram mais de 2 milhões óbitos (Johns Hopkins University, 2020). No Brasil, já são mais de 9 milhões de casos confirmados e mais de 200 mil mortes (Brasil, 2020), levando-o a figurar no ranking dos dez primeiros países em número de casos. Conhecida como Corona vírus, a síndrome respiratória aguda grave, referente ao vírus Sars-CoV-2, provocou uma crise sanitária de proporções mundiais, afetando a economia e modificando os hábitos e costumes da população ao redor do planeta.

Desde o anúncio dos primeiros casos de uma pneumonia desconhecida, na China, sua disseminação atinge níveis inéditos de velocidade e magnitude, levando a Organização Mundial de Saúde (OMS) a decretar estado de pandemia, em 11 de março de 2020. Esse cenário de tamanha gravidade tornou-se o centro das preocupações mundiais, mobilizando esforços de cientistas e autoridades sanitárias para conhecer as características do vírus, deter sua propagação e criar formas de prevenção, tratamento e cura. Em um mundo caracterizado pela hiperconexão em tempo real, as notícias sobre a pandemia acompanham par e passo o ritmo da propagação do vírus.

Tais notícias, desde o advento e popularização da internet, não têm nos meios jornalísticos sua principal origem, já que a comunicação em rede promove a escalada, também, exponencial dos produtores e da circulação de informações em diferentes plataformas digitais, atravessadas pelas lógicas algorítmicas numa sociedade marcada pela datificação (Couldry; Campanella, 2019). Por esses caminhos, circulam também com intensidade e alcance inéditos discursos de indivíduos baseados em suas experiências pessoais, familiares, na tradição, na religiosidade, em suas convicções políticas e ideológicas, estabelecendo relações diversas entre si de convergência, conflito ou reforço. Mesmo no meio médico, observam-se declarações contra as recomendações oficiais e alertas das autoridades científicas. Nesse cenário marcado pela imprevisibilidade, proximidade da morte, medo e ansiedade, a confiança é um valor inestimável.

A partir do mapeamento dos temas com maior ressonância, o objetivo da primeira fase do projeto “Covid nas Redes” foi localizar os pontos que catalisam os principais medos, ansiedades e conflitos sociais. Desta cartografia fazem parte os modos com que os protagonistas buscam construir legitimidade e, ainda, o que (e quem) merece (des) confiança, os valores e sentidos com que se identificam. Para tanto, foram analisadas a cobertura jornalística e as narrativas leigas, incluindo as notícias falsas (fake news). A análise buscou abordar os processos que se valem de sistemas de conhecimento consagrados, como a própria ciência, e seus impactos na saúde pública, em especial no Sistema Único de Saúde (SUS).

A primeira etapa do projeto consistiu então em mapear as narrativas sobre o vírus, a doença, as medidas de controle, prevenção e os protocolos terapêuticos recomendados por autoridades sanitárias nacionais e internacionais. O interesse foi em analisar os argumentos em disputa, as estratégias de comunicação e modos de angariar credibilidade e autoridade; em suma analisar a relação entre esses discursos e suas formas de circulação intra e inter plataformas digitais.

### **O percurso metodológico**

A equipe de trabalho da pesquisa “Covid nas Redes” contou com a participação de 13 pesquisadores de diferentes níveis de formação e atuação profissional. A equipe foi composta por Katia Lerner (coordenadora), Janine Cardoso, Márcia Lisboa, Tiago Coutinho, Natalia Fazzioni, Aline Ferreira, Marcio Calil, Luana Alencar, Júlia da Matta Tatiana Clébicar Marcelo Garcia, Valeria Machado e Clara Faulhaber. Por motivos operacionais, os encontros de pesquisa eram divididos em dois formatos: em reuniões de coordenação composto pelos quatro primeiros pesquisadores acima apresentados, e um encontro geral com todos os integrantes da equipe. Por conta da Pandemia, todos os encontros foram realizados remotamente através de plataformas como *Google Meeting* ou o Zoom, e a comunicação direta foi feita através de um grupo de Whatsapp. O material de pesquisa coletado foi armazenado em depositórios digitais como o Google Drive.

Antes do mapeamento, um encontro de trabalho foi realizado para discutir textos que tratassem do conceito de “controvérsia”. Trazido ao debate científico contemporâneo pelo sociólogo Bruno Latour (Qual obra específica?), o conceito de “controvérsia” tem

como principal funcionalidade argumentativa colocar em pé de igualdade diferentes discursos que giram em torno de um determinado tema, criando um fenômeno particular. Através destes textos ficou claro para equipe de trabalho que os diferentes discursos que circulam em relação à Epidemia não poderiam ser hierarquizados ou rotulados de acordo com algum parâmetro, seja ele científico, legal ou fantasioso.

Os primeiros encontros do grupo de coordenação tiveram como objetivo definir o ambiente digital através do qual o acervo de pesquisa seria construído. Tendo em vista que o objetivo desta primeira etapa foi o de “mapear as narrativas e argumentos em disputa, estratégias de comunicação e modos de angariar credibilidade e autoridade” nesta pandemia, a estratégia foi realizar este mapeamento em ambientes digitais em que as chamadas “Fake News” estivessem presentes na circulação de informação.

Por motivos éticos e por tratar-se de uma plataforma com poucos dispositivos técnicos de operacionalização, optou-se em não coletar dados diretamente de grupos de Whastapp, onde estas notícias circulam livremente. Após alguns encontros do grupo de coordenação, chegou-se ao consenso de que o material de pesquisa seria coletado nas agências de checagem de notícias. O principal argumento para esta escolha é que nestas agências seria possível observar ao mesmo tempo o comportamento das Fake News, das notícias da grande mídia, e o mais importante: a relação entre os dois, ou seja, a forma com que as chamadas “fake news” interferem na construção da narrativa dos meios de comunicação tradicionais sobre a Pandemia.

Em um levantamento preliminar foram identificadas diversas agências de checagem das chamadas Fake News. Cada membro do grupo de coordenação observou o comportamento de três agências por um período aleatório de sete dias consecutivos. Após a observação do comportamento destas agências, chegou-se à conclusão que trabalharíamos naquelas com maior relevância no país são: Fato ou Fake, Boatos.Org, E-farsas e Lupa. Observou-se que cada agência de checagem possui uma característica específica que pode variar de acordo com o volume de postagem diário, sua relação de proximidade com um veículo da mídia tradicional ou mesmo em relação à escolha da fonte de onde a checagem é realizada.

Tendo como objetivo a experimentação de algumas variáveis e a realização de uma avaliação preliminar para comprovar se as agências de checagens sugeridas para o estudo eram realmente funcionais para o objetivo da pesquisa, foi proposto um exercício

coletivo que consistia em preencher uma tabela com as notícias do dia 15 de abril nas agências indicadas como mais relevante. Além destes objetivos, no plano operacional, o exercício serviu para solucionar dúvidas individuais para a criação de uma certa uniformização no acervo de pesquisa

Assim, levando-se em consideração o volume do material a ser analisado, o cronograma e a operacionalização deste mapeamento, optou-se em trabalhar com as duas principais agências de checagem, Fato ou Fake e Boatos.org. O Fato ou Fake é uma iniciativa do Grupo Globo para verificar conteúdo suspeito nas notícias mais compartilhadas da internet. A apuração é feita em conjunto por jornalistas da CBN, Época, Extra, G1, TV Globo, GloboNews, Jornal O Globo e Valor Econômico. Nas Eleições 2018, a plataforma foi responsável também por checar falas de políticos dadas em entrevistas, debates e sabatinas. Nesses casos, informações verificadas ganham selos “fato”, “fake” ou “não é bem assim”. Denúncias podem ser feitas na página do Fato ou Fake, no Facebook ou via WhatsApp.

De acordo com o seu editor e criador, a Boatos.Org “foi criado para compilar algumas destas mentiras que são contadas online. A intenção com o boatos.org é justamente prestar um serviço para o usuário da internet”. O editor continua dizendo que “Como jornalista de tecnologia (entre outras editorias), já me deparei com muitas histórias que, por mais verossímeis que possam parecer, enganam muitas pessoas. Tanto no UOL como na EBC já desmenti alguns desses chamados hoax (??). Como usuário da internet também me deparo com alguns absurdos que, com boas ou más intenções, são disseminados por muita gente. Assim, o objetivo da Boatos.Org é verificar a veracidade de uma notícia, através de uma incessante verificação de sua fonte.

Uma vez definida as agências de checagem através das quais o material da pesquisa seria coletado, o próximo passo foi definir as variáveis que classificaram e organizaram este acervo. As variáveis foram discutidas coletivamente tanto em reuniões de coordenação quanto nos encontros do grupo de pesquisa após a realização do exercício coletivo acima mencionado. A experiência que cada pesquisador teve com o preenchimento de um tabela-teste pôde ser compartilhada com o restante do grupo na construção de um acervo uniformizado.

Ficou definido que o acervo de pesquisa seria composto por uma tabela de Excel na qual as notícias foram inseridas e classificadas de acordo com as variáveis e uma pasta contendo todas as verificações feitas pelas agências de checagem em formato PFD.

Por tratar-se de uma pesquisa sobre as narrativas que constituem o cenário comunicativo da Pandemia do novo Corona Virus, o período temporal escolhido para a composição do acervo foi do mês de Janeiro de 2020 até agosto de 2020. Mesmo sabendo que a OMS decretou pandemia no dia 11 de março de 2020, os meses de janeiro e fevereiro foram incluídos na análise como um contraponto de um período não pandêmico. O acervo de pesquisa foi composto por todas as checagens de notícias sobre a Pandemia realizada nas agências de checagem Fato ou Fake e Boatos.Org, entre janeiro de 2020 e agosto de 2020. As checagens foram extraídas nos sites das agências através do formato PFD e, em seguida, foram armazenados em uma pasta na nuvem para serem facilmente acessadas.

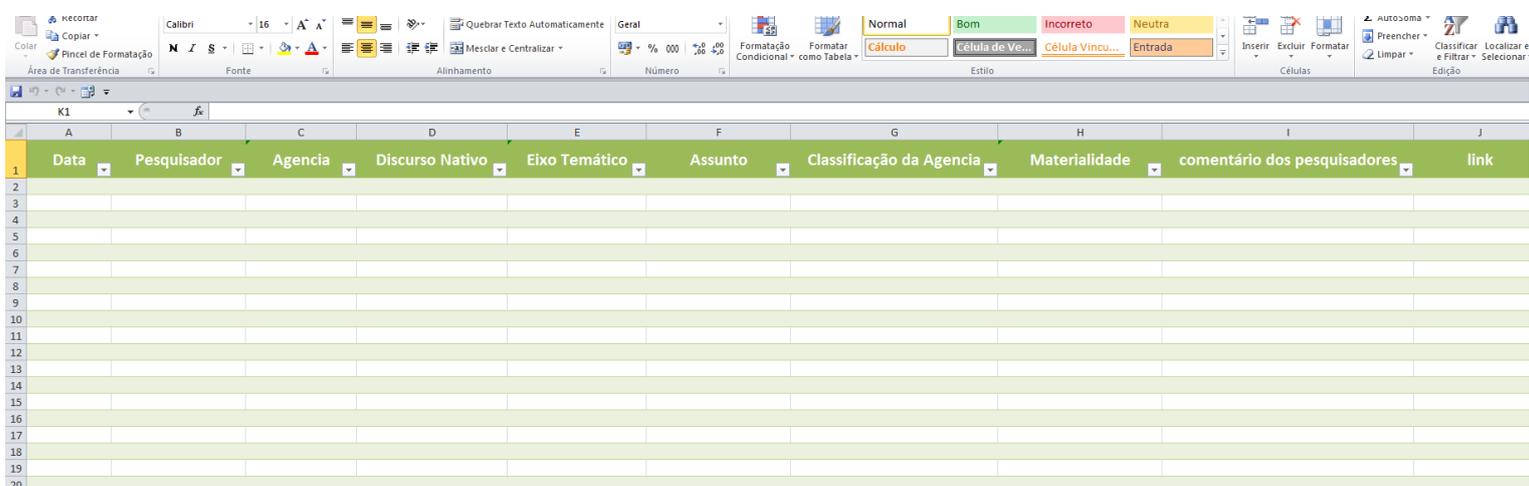
As variáveis escolhidas para classificar o acervo de pesquisa foram: data, pesquisador que inseriu os dados, agência de checagem, discurso nativo, eixo temático, assunto, classificação da agência, materialidade, comentário do pesquisador e o link da checagem. Antes da inserção dos dados, os encontros da equipe serviram para insistir no fato de que as variáveis deveriam ser preenchidas de acordo com o que foi descrito pela agência, tentando ao máximo não influenciar esta narrativa com uma possível interpretação do pesquisador sobre a checagem ou sobre a própria notícia.

O mais importante para este levantamento foi observar o que chamamos de “discurso nativo” da agência e todos os artifícios argumentativos que compõe este discurso. Das variáveis escolhidas, três eram fechadas: Agência (Fato ou Fake e Boatos.Org), Eixo temático, (Veracidade da doença/vírus, Gravidade da doença, Distanciamento social, Prevenção, Tratamento, Economia, Disputa político-partidária) e Materialidade (Áudio, Cartaz, Fotografia, Texto Escrito e Vídeo). Tanto a variável “Eixo temático”, quanto a “materialidade” foram pensadas a partir do exercício coletivo e das discussões do grupo de pesquisa. A decisão em não torna-las variáveis abertas teria como objetivo evitar a dispersão em muitas subvariáveis, dificultando assim o mapeamento quantitativo das checagens.

As subcategorias sugeridas para cada eixo temático foram: Eixo Origem da doença (China, 5Getc) Veracidade da doença/vírus, Gravidade da doença (mortes etc.),

Distanciamento social (isolamento vertical, horizontal, quarentena, lockdown etc), Prevenção (máscara, álcool em gel, vacina), Tratamento (medicamentos, produtos e substâncias. Ex. cloroquina, vinagre e alho,), Economia (auxílio emergencial, desabastecimento/saques, desemprego ), Disputa político partidária.

## A Planilha do acervo de pesquisa



The image shows a screenshot of an Excel spreadsheet. The spreadsheet has a header row (row 1) with the following columns: Data, Pesquisador, Agencia, Discurso Nativo, Eixo Temático, Assunto, Classificação da Agencia, Materialidade, comentário dos pesquisadores, and link. The rows below the header are empty, indicating a template for data entry. The Excel interface includes the ribbon with various tabs like Calibri, Fonte, Alinhamento, Número, Estilo, and Células.

| 1  | Data | Pesquisador | Agencia | Discurso Nativo | Eixo Temático | Assunto | Classificação da Agencia | Materialidade | comentário dos pesquisadores | link |
|----|------|-------------|---------|-----------------|---------------|---------|--------------------------|---------------|------------------------------|------|
| 2  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 3  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 4  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 5  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 6  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 7  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 8  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 9  |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 10 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 11 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 12 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 13 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 14 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 15 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 16 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 17 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 18 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 19 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |
| 20 |      |             |         |                 |               |         |                          |               |                              |      |

Tendo em vista um preenchimento mais rápido e eficiente da tabela em Excel, o grupo de pesquisa foi dividido em subgrupos, de acordo com a agência de checagem da qual a notícia foi extraída e o período temporal desta. Assim, cada coordenador e mais dois pesquisadores ficaram responsáveis por um recorte temporal em uma determinada agência. A cada quinze dias eram realizadas reuniões entre os membros dos subgrupos para acompanhar o preenchimento e apresentar as dúvidas que surgiram desta etapa. Além destes encontros quinzenais, mensalmente o grupo de pesquisa se reunia para debater o preenchimento de um ponto de vista mais amplo, independentemente do período ou da agência de checagem.

Ao longo de três meses, entre setembro e novembro de 2020, o grupo de pesquisa realizou o preenchimento da tabela de acordo com as variáveis sugeridas. Ao longo deste preenchimento diversas dúvidas surgiram. A primeira delas foi em relação a variável “discurso nativo”. A principal premissa deste levantamento é que os argumentos e

artifícios discursivos das chamadas Fake News sejam incluídos na tabela, independentemente dos mecanismos utilizados pelas agências de checagem para verificar se a notícia é verdadeira. Assim, ficou decidido que a categoria “Discurso Nativo” seria preenchida com o texto (imagem, foto, áudio ou vídeo) indicado pela agência como original. Por mais absurdo ou sem sentido que seja o texto original da notícia, é importante que esta lacuna seja preenchida com o texto que é apresentado ao seu leitor, independentemente de opinião, julgamento ou pré conceitos.

É importante ressaltar que nas duas agências que serviram de base para este acervo, toda a checagem de uma determinada notícia inicia-se com uma breve descrição desta com o seu conteúdo original. Este conteúdo é apresentado em um espaço no site da agência chamado “descrição da notícia”

Uma vez definido o “discurso nativo”, surgiu uma dúvida em relação a qual seria a diferença entre esta variável e o “assunto”. Ficou definido, então, que esta variável seria preenchida com algumas palavras que conseguissem resumidamente definir o conteúdo da notícia. Ou seja, a variável “assunto” seria composta por palavras ou termos que, além de resumir o conteúdo da notícia, serviriam como localizador para identificá-las na etapa qualitativa da pesquisa.

Outra dúvida recorrente foi em relação à materialidade dos itens inseridos na tabela. A internet 2.0 é conhecida por seu dinamismo em relação à materialidade de seu conteúdo. A digitalização da vida cotidiana trouxe uma ampla variedade de formatos de arquivos que a cada dia se transformam e se juntam, constituindo uma nova forma de transmitir o conteúdo do universo digital. Tendo em vista evitar uma dispersão e criar uma uniformização no preenchimento, ficou decidido que esta variável seria fechada, restringindo-se aos seguintes itens: áudio, cartaz (arte), fotografia (com ou sem legenda), texto escrito (exclusivamente) e vídeo (com ou sem legenda).

A partir das reuniões mensais, percebeu-se a necessidade de criar mais um subgrupo na variável “Eixo-temático”, devido a forte recorrência do tema “disputa político partidária”. De acordo com todos os pesquisadores envolvidos nesta pesquisa, eram recorrentes os itens que apontavam para uma disputa político partidário. Assim, ficou definido que esta subcategoria seria criada, porém foi chamado a atenção para que esta fosse utilizada apenas em casos em que as subcategorias sugeridas não se adequassem à notícia, esta categoria seria a última opção. Mesmo sabendo que a “política está em

todos os lugares”, esta categoria tem como principal objetivo classificar as notícias que dão ênfase nesta disputa eleitoral, partidária, aquela forma mais próxima do senso comum do que é conhecido como política.

## Resultados

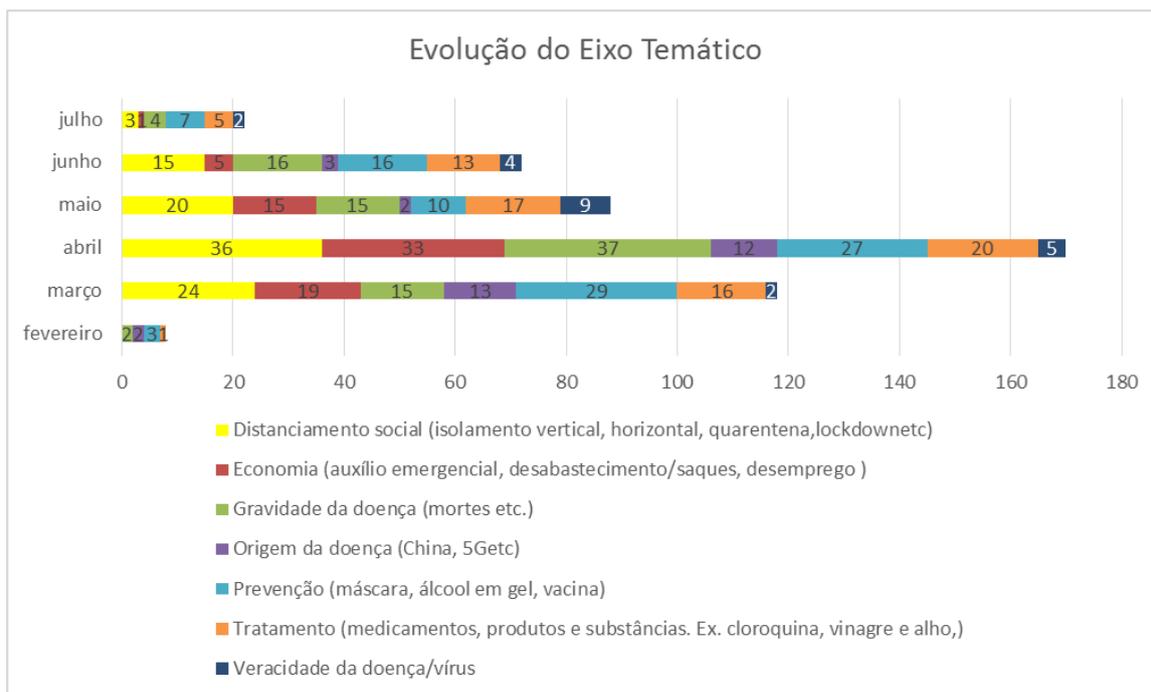
A tabela final foi composta por 566 checagem de notícias extraída das agências Fato ou Fake e Boatos. Org, no período entre o dia 1 de fevereiro de 2020 e 1 de agosto de 2020. A partir dos dados deste mapeamento, foi possível construir os seguintes gráficos:



|                      |                                  |
|----------------------|----------------------------------|
| <b>Eixo temático</b> | <b>Contagem de Eixo Temático</b> |
|----------------------|----------------------------------|

|  |            |
|--|------------|
| Distanciamento social (isolamento vertical, horizontal, quarentena,lockdownetc)    | 97         |
| Prevenção (máscara, álcool em gel, vacina)   | 92         |
| Gravidade da doença (mortes etc.)  | 89         |
| Economia (auxílio emergencial, desabastecimento/saques, desemprego )               | 73         |
| Tratamento (medicamentos, produtos e substâncias. Ex. cloroquina, vinagre e alho,) | 72         |
| Disputa político partidária  | 62         |
| Origem da doença (China, 5Getc)  | 32         |
| Veracidade da doença/vírus   | 26         |
| Outros   | 21         |
| <b>Total Geral</b>   | <b>565</b> |

| <b>Materialidade</b>            | <b>Contagem</b> |
|---------------------------------|-----------------|
| texto escrito (exclusivamente)  | 243             |
| vídeo (com ou sem legenda)      | 143             |
| Fotografia (com ou sem legenda) | 69              |
| cartaz (arte)                   | 55              |
| texto escrito (exclusivamente)  | 26              |
| Áudio                           | 29              |
| <b>Total Geral</b>              | <b>565</b>      |



## Outras Reflexões

O primeiro ponto a se destacar, e que é um consenso entre os estudiosos deste fenômeno, é que o termo *Fake News* limita o entendimento de um objeto bastante complexo. O termo em inglês, muitas vezes, é associado à ideia de uma notícia falsa ou de uma mentira. Esta associação imediata transforma este termo em uma categoria relacional, ou seja, esta é acionada em situações de enunciação comunicativa em que se pretende desqualificar versões diferentes daquela abraçada por quem o emprega. Nesse sentido mais permissivo, *Fake News* passa a ser tudo aquilo que desagrada, não apenas fatos contemplados de maneira diferente da exposta, mas interpretações das quais discorda-se com veemência e de opiniões que parecem abomináveis. “O que é *Fake news* para um fanático é verdade cristalina para o fanático da seita oposta” (Farias Filho, 2020).

Na tentativa de evitar conceber o termo a partir desta visão relacional que colocaria em risco o próprio cerne da liberdade de expressão, que consiste afinal na tolerância para com a livre circulação de noções detestáveis, versões distorcidas, enfoques parciais, sentimentos odioso; Frias Filho (2020) conceitua *Fake News* como toda informação que, sendo de modo comprovável falsa, seja capaz de prejudicar terceiros e

tenha sido forjada e/ ou posta em circulação por negligência ou má-fé, neste caso, com vistas ao lucro fácil ou à manipulação política. De acordo com o autor para isso é necessário:

- É prudente, tudo indica, isolar a prática, diferenciando-a da mera expressão de pontos de vista falsos ou errôneos, assim como do entrelaçamento de visões extremadas
- Cabe também discernir entre a divulgação ocasional de notícias falsas e sua emissão reiterada, sistemática, a fim de configurar a má-fé.

Assim, a primeira aposta teórica do projeto “Covid nas Redes” foi conceber as Fake News a partir da ideia de controvérsia desenvolvida pela TAR de Latour e colegas. De acordo com Venturini (2010), um dos principais colaboradores de Latour na aplicação desta metodologia, controvérsias são o fenômeno mais complexo a ser observado na vida coletiva. São identificadas como questões que ainda não produziram consenso, sobre as quais os atores discordam ou concordam na discordância. O conceito é muito utilizado no campo científico para explicar a trajetória de uma determinada “descoberta”. Este ponto de vista levanta como possibilidade metodológica a rede sociotécnica - que não faz distinção entre humanos/ não-humanos, social/ natural, online e offline - e está aberta às controvérsias capazes de abrir aquilo que seus seguidores chamam de caixas-pretas.

Mesmo sabendo da potencialidade do conceito de “controvérsia” na análise de polêmicas públicas, ao longo da pesquisa percebeu-se que a aplicação do conceito conduz a uma limitação no entendimento das Fake News. Ao dispor em uma rede humanos e não humanos que são unidos por um determinado ponto de vista, a TAR privilegia muito mais a interdependência entre os atores do que a relação entre eles na constituição de um sistema. Ao cartografar uma controvérsia científica, a TAR tem como objetivo descrever um determinado ponto de vista ou um posicionamento em sua integralidade, com uma riqueza de detalhes e sutilezas, mostrando os principais consensos e discordâncias. Porém, pouco esforço é gasto em entender como um ator se relaciona com o outro na constituição de um mecanismo mais abrangente.

Ao longo da primeira etapa da pesquisa percebeu-se que o fenômeno das Fake News não é algo isolado, não é apenas uma notícia de caráter duvidoso que circula

rapidamente nos novos espaços digitais da internet 2.0. É um fenômeno que faz parte de um novo regime de comunicação em massa cuja a mídia tradicional faz parte e atua como importante ator. Percebeu-se o intenso dialogo das Fake News com a chamada mídia tradicional, seja na constituição da sua estratégia argumentativa, seja na sua apresentação gráfica ou em sua temporalidade. Observou-se um intenso dialogo entre o conteúdo produzido por Fake News e aquele produzido pela mídia tradicional. As próprias agencias de checagem são mecanismos de legitimação e manutenção de um parâmetro no ato de comunicar.

A primeira etapa da pesquisa Covid nas Redes mostrou que muito poucas são as Fake News que são completamente falsas. Na sua maioria das vezes são fotos, áudios, vídeos, textos ou uma mistura de mídias que distorcem, deslocam ou exageram uma determinada informação já sabendo que está será processada pelos meios de comunicação tradicionais. Assim, concebemos Fake News como um complexo sistema de mecanismos de argumentação e contra argumentação que acontece em grande escala, e que tem como característica principal uma tensão entre a experiência pessoal e a evidência (na sua maioria das vezes científica).

Nesta etapa inicial da pesquisa observou-se um dos principais mecanismos argumentativos deste sistema de comunicação: a experiência pessoal. O fato de “ter estado lá”, “ter sentido algo” ou “ter observado algo” confere, nestes novos formatos digitais de circulação da informação, uma veracidade semelhante aquela dada a evidência científica. Esta característica marcante das Fake News será explorada mais exaustivamente na etapa seguinte da pesquisa.

O próximo passo da pesquisa “Covid nas Redes” será a análise qualitativa dos dados. Para isso, a ideia inicial é dividir os pesquisadores em grupos a partir dos seguintes temas:

1. Os tempos da doença – visão geral de noticiabilidade;
2. Tratamentos (cloroquina, curas alternativas). As ambiguidades da ciência e da política / novos regimes de esperança. Testemunho como forma de autenticação  
"Em nome da vida": isolamento, distanciamento e economia ;
3. Médicos;
4. Sobre a morte;
5. A circulação das emoções;

6. A pandemia e o fim do mundo Novos arranjos entre jornalistas, políticos e peritos "Trazendo o fato de volta": as agências de checagem;
7. Sistemas de confiança: quem recomenda quem?;
8. Bolsonaro, masculinidade e saúde/doença: a construção das formas de enfrentamento da doença a partir das categorias de gênero;
9. Um mundo em perigo: representações sobre a alteridade ;
10. Ressignificação do papel da ciência

## Referências

FILHO, Otavio Frias. O que é falso sobre fake news. p. 6, [S.d.].

KOURY, Mauro Guilherme Pinheiro. O Brasil em tempos pandêmicos: emoções, medos e sociabilidades. v. 4, n. 12, p. 20, 2020.

QUEMENER, Nelly. « Vous voulez réagir ? ». L'étude des controverses médiatiques au prisme des intensités affectives. *Questions de communication*, n. 33, p. 23–41, 1 Set 2018.

VENTURINI, T. Diving in magma: how to explore controversies with actor network theory. *Public Understanding of Science*, v. 19, n. 3, p. 258-273, 2010.

VENTURINI, T. Building on faults: how to represent controversies with digital methods. *Public Understanding of Science*, v. 21, n. 7, p. 796- 812, 2012.